

Os caminhos de um conservador: Blaise Pascal no pensamento de Jackson de Figueiredo

Rodrigo Coppe Caldeira*

Resumo

Este artigo tem como objetivo central abordar alguns pontos da interpretação do leigo católico Jackson de Figueiredo do pensamento filosófico do francês Blaise Pascal. Um dos maiores pensadores católicos do Brasil debruça-se em seu *Pascal e a inquietação moderna*, de 1922, sobre os pensamentos de um dos maiores filósofos da modernidade.

Palavras-chave: Catolicismo brasileiro. Jackson de Figueiredo. Blaise Pascal.

Pascal é como uma onda gigantesca de amargura e de crença, assaltada pela nostalgia divina, em pleno mar, em pleno oceano, no mais longínquo da dor humana, rolando até nossos dias, com a mesma força, o mesmo espanto, a mesma grandeza, pelas fundas cavernas da nossa melancolia.

Jackson de Figueiredo

O nascimento de um reacionário

Jackson de Figueiredo (1891-1928) foi um dos nomes mais importantes do pensamento brasileiro do século XX. Falar em “pensamento brasileiro” no início do século XX é remeter a uma conjuntura político-religiosa bem específica.

* Historiador, Doutor em Ciência das Religiões (UFJF), professor e pesquisador da PUC-Minas.

Em 1889, com a proclamação da república no Brasil, chegamos a um novo patamar nas relações entre o Estado e a religião dominante, o catolicismo. Desde o pacto colonial – e consolidando-se no Império brasileiro – o modelo dessas relações em Portugal fora transplantado para cá: o padroado. Tal modelo levava a Igreja Romana a uma situação particular: o chefe da instituição religiosa em terras tupiniquins não era o papa, mas o imperador, que tinha todo o poder de aceitar ou não os documentos e determinações que vinham de Roma. Arrevesada nas malhas burocráticas do Império, a Igreja Católica era tida como mais um aparelho da governança real; um substrato cultural que, mesmo com todas as nuances e diferenças (vide os ciclos de evangelização do país),¹ unia a todos sob o signo da cruz.

Em 1891, quando foi promulgada nossa primeira carta constitucional, a Igreja brasileira se viu diante de um paradoxo: se, por um lado, agora estava livre das mãos daqueles que a usurpavam de sua própria missão religiosa, prendendo-a nos trâmites estatais, por outro, encontrava-se num momento crítico: a nova constituição não trazia as referências religiosas dos fautores da nação brasileira. Livres, de certo modo, mas não contemplados nas exigências de se fazerem valer pela força da maioria.

Tal situação levou a hierarquia da Igreja a tomar algumas posições e estabelecer algumas estratégias para, vamos assim dizer, “recuperar” o que tinha perdido, ou seja, uma presença clara e decisiva na esfera pública. Esse período, que se esten-

deu da proclamação da república até 1945, foi chamado geralmente pelos historiadores de “neocristandade” ou “restauração”.² De fato, não foi um período de todo homogêneo, apresentando suas nuances particulares no decorrer dos anos – principalmente com as idas e vindas do poder político. Porém, trazia um ponto que a caracterizava como um todo: o desenvolvimento de uma intelectualidade católica que extravasava o estrito campo religioso, passando pelas letras, o jornalismo, as ciências, a filosofia e a teologia.³

É importante citar que a Igreja Católica em Roma também não passava por bons bocados. Desde 1870, quando o papa Pio IX tivera de encerrar às pressas o Concílio Vaticano I, em razão do avanço das tropas republicanas sobre Roma, o que o fez se declarar “prisioneiro do Vaticano”, a situação da Igreja se complicava nas relações com os Estados nacionais e os nacionalismos que se firmavam. A Igreja entendia-se como uma “fortaleza sitiada” diante das ordas modernas que a ameaçavam, tanto política quanto teologicamente, à medida que o modernismo⁴ avançava nos seus questionamentos aos fundamentos da fé católica ortodoxa. Ter a Igreja romana seus problemas com os pressupostos do pensamento moderno, advindos da Reforma, do dito iluminismo e de seu congênere político, a Revolução Francesa, não é novidade. O fato é que no século XIX a Igreja, denominada agora como “ultramontana”, passa a se fechar numa perspectiva defensiva, mas com um olhar no contra-ataque, buscando formar, assim, um laicato preparado intelectualmente, a partir da Ação

Católica, a fim de contrapor-se às ideias possivelmente desestruturantes da ordem cristã.

A figura do intelectual católico Jackson de Figueiredo desponta nessa tradição. Candido Mendes, em obra recentemente publicada sobre Alceu Amoroso Lima, afirma que o sergipano chegou “à fé pelo imperativo da informação enciclopédica e pela atualização do catolicismo no quadro da polêmica internacional de então, e do despondo do neotomismo, frente às condenações do modernismo por Pio X e, sobretudo, pelo anátema baixado sobre a *Action Française*”.⁵

Os escritos de Jackson podem ser tomados como paralelos àqueles que representam o pensamento do movimento contrarrevolucionário europeu: De Maistre, De Bonald, Donoso Cortés, Louis Veulliot, Charles Maurras e os ideólogos da *Action Française*, todos empenhados na denúncia e no confronto contra os erros da modernidade apóstata de seu próprio fundamento: a religião católica. Segundo Francisco Iglésias, o principal historiador que se debruçou sobre o pensamento de Jackson,

apesar de diferenças de enfoque ou temperamento, há um fundo comum em todos eles, que é o desagrado com as idéias em voga, com tendência que denunciam como revolucionária – identidades de adversários, portanto –, ao mesmo tempo que preconizam certa ordem, com acatamento da autoridade e da hierarquia, fruto do que supõem a desigualdade natural entre os homens.⁶

Uma das principais fontes sobre a vida deste personagem da primeira metade do século XX – além de suas correspon-

dências com Alceu Amoroso Lima, publicadas pela editora Agir em 1946 – é um livro biográfico escrito por Hamilton Nogueira, seu amigo desde 1919, publicado no início de 1928, ano em que Jackson faleceria.⁷ Jackson, que nasceu em Sergipe em outubro de 1891, de mãe católica, debruçou-se – como tantos outros intelectuais na virada do século – calorosamente sobre os vários “humanismos ateus”⁸ que desfilavam pelos inúmeros círculos do pensamento filosófico. Ancorou logo seu pensamento em certo ceticismo que exalava dos círculos materialistas e positivistas. Referindo-se àqueles dias de sua trajetória intelectual, Jackson dizia:

Eis por que na minha adolescência, num fundo de província, em um pequenino meio onde todos os homens aplaudidos no Rio tomam o vulto de coisas sagradas, eu também, após os primeiros passos fora dos livros escolares, fui imediatamente tocado do novo encantamento. As traduções baratas eram em abundância no mercado, e com dois ou três anos de leitura, eu pude gabar-me de ser um rapaz de idéias adiantadas, materialista, inimigo da *pradaria*, e, num crescendo, amoralista, imoralista, admiravelmente escudado, até a ingenuidade e o bom senso dos que me cercavam, com um *rien est vrai, tout est permis* que tinha por si o nome de um gênio alemão, e era quanto bastava.⁹

Em 1915 bacharelou-se em Direito e no ano seguinte mudou-se para o Rio de Janeiro, onde conheceu aqueles – especialmente Farias Brito – que iriam influenciá-lo mais fortemente no seu processo de conversão ao catolicismo. Segundo Moura,¹⁰ a data que marca essa conversão é 1918, dois anos depois da famigerada Carta Pastoral

de dom Sebastião Leme,¹¹ que influenciou, em parte, no novo caminho tomado pelo pensador. Jackson de Figueiredo escreveu algumas obras nesse período que marcam sua evolução ao catolicismo, as quais foram publicadas posteriormente à sua conversão: *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* (1916), *A questão social na filosofia de Farias Brito* (1919) e *Pascal e a inquietação moderna* (1922). Na sua fase católica escreveria *Do nacionalismo na Hora presente* (1921), *Afirmações* (1921), *Reação e bom senso* (s/d), *Literatura reacionária* (1924) e *Colunas de fogo* (1925).

Para Nogueira, *Pascal e a inquietação moderna* é “a obra mais pessoal, mais profunda e mais bela de Jackson de Figueiredo”.¹² Além disso, ao tomar Pascal como objeto de suas reflexões, o sergipano parece querer denunciar o “orgulho da razão” de um homem entendido como autossuficiente no início do século XX, uma das principais causas da Primeira Grande Guerra, como denunciava o papa Bento XV, e posicionar-se num embate espiritual em prol da transcendência da verdade e, especialmente, da ortodoxia católica.

Jackson, Pascal e a inquietação moderna

Como não duvidar de certo discurso que coloca a razão como julgadora única e absoluta de toda e qualquer ordem de conhecimento? “O último passo da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam. Ela é apenas fraca se não vai até reconhecer isso”, afirmava Blaise Pascal¹³ em seus *Pensées*.¹⁴ Eis a

questão que afligia o filósofo e matemático francês durante o século XVII – século marcado pela queda vertiginosa da autoridade moral da instituição religiosa e da ascensão do racionalismo moderno.

Diante das inúmeras transformações que iriam constituir o que conhecemos como “mundo moderno”, principalmente aquelas que se tornariam o marco regulatório da civilização ocidental, a ciência, Pascal atentava para o mistério profundo que marcava a condição humana, revelando “uma sensibilidade aguda para o fato de que o homem parece ser um ser que, quando exposto a demasiada luz, se dissolve”.¹⁵

De fato, o pensamento de Pascal foi assinalado por determinada antropologia, que marcaria profundamente a sua noção de “insuficiência do homem”. Podemos afirmar que a “mística” pascaliana está associada à antropologia pessimista de tipo agostianiano,¹⁶ tão presente em Martinho Lutero. A antropologia do pensador francês calca-se na ideia da insuficiência do homem, que, por sua vez,

descreve claramente o horizonte do homem como dependente – dependência positiva, de algo que carrega a identidade ontológica essencial do homem – com relação a um registro que não faz parte de sua natureza empírica – a negação desse dependência funda o pecado de Adão, o orgulho como afirmação da suficiência do homem, exclusão do Sobrenatural.¹⁷

Jackson, que passava pela experiência da conversão, entendia que o pensamento de Pascal – entre a razão e seus limites – era o mesmo que agitava a consciência do início do século XX, sendo causa da reação espiritualista que se presencia-

va, especialmente o Brasil, e da ascensão de uma organizada intelectualidade católica, como reação ao positivismo, ao materialismo e ao niilismo que engolfava as almas de muitos. Afirmava no início da sua obra *Pascal e a inquietação moderna*:

Ora, nós já temos pago tributo não pequeno, nós, brasileiros, a este espírito de negação, que ora se paramenta de todas as falsidades do sentimentalismo tem de útil e socialmente generoso, ora se veste das mais pedantes illusões philosophicas e scientificas, mal escondendo fúrias nihilistas, instinctividades brutaes, horror ao senso commum, ódio de morte à religião e à moral.¹⁸

Como Pascal, Jackson preocupa-se com o drama humano que se funda no mistério acerca do destino último do homem na criação divina. Fazendo referência ao pensamento pascaliano, dizia:

E sabe-se que percorreu apaixonada e ambiciosamente toda a escala dos conhecimentos da sua época, alargando-os genialmente, havendo a notar que o numero das incógnitas que guardam o sentido da nossa vida era naquelles dias o mesmo que ainda temos em face do nosso espanto... se tudo se que esperar da razão tão somente.¹⁹

Jackson decidiu em seu livro, marcado pelo tom da apologética, aspecto que caracterizaria muitas obras católicas em toda a primeira metade do século XX, defender Pascal das acusações de irracionalismo feitas por aqueles que encabeçavam, ou eram os herdeiros, das “Luzes”. Pascal, em sua antropologia, colocava a razão em xeque pela própria razão, mas não a desacreditava em função da religião. Esse era um dos pontos principais que Jackson de-

sejava defender no decorrer de sua obra. Assim vaticinava:

Ora, Pascal pode ser chamado um systematisador da duvida humana, systematisador do bom sentido, porque, ao contrario dos sophistas gregos e dos scepticos á maneira de Montaigne, elle procurava, mesmo atravez do excesso da duvida, a razão de descrever da razão [...]. E não desarazoou; porque descreu da razão não a abandonou jamais nem foi jamais abandonado por Ella.²⁰

Para o sergipano, Pascal é o seu, e de muitos, mais constante inspirador diante das catástrofes do início do século XX, frutos de uma noção antropológica baseada na crença humanista da autossuficiência do homem.²¹ Jackson justifica essa proeminência dos pensamentos do filósofo francês naqueles corações marcados pela ansiedade ontológica de alguns homens da *belle époque*:

É que, para a honra e glória do nosso tempo, tão grande pelos males que vem soffrendo, a alma humana não descançou sob os falsos louros das vitórias negativas do materialismo e do utilitarismo enraivecidos, não se deixou adormecer nos braços de uma sciencia pedante e sem finalidade moral, e, ainda uma vez, desolada pela morte de tantas illusões e pelo infinito das suas desgraças, volta-se para si mesma, sonda-se, indaga as causas da sua miséria e dos seus ideais, e ajoelha-se ante a grandeza de Deus, pede resignação e esforça-se em bondade para ser mais digna de crer.²²

Jackson tem consciência da posição de Pascal dentro do debate teológico do século XVII. Como se sabe, o pensador francês fez parte de uma corrente teológica chamada “jansenismo”,²³ que afirmava a eficácia da

graça de Deus sobre os homens. O debate dava-se em torno do livre-arbítrio e da possibilidade, ou não, de o homem, por si mesmo, ser capaz de algum ato bom. A posição de Pascal era a mais radical dentro desta corrente, pois se recusava totalmente a qualquer transigência com o molinismo.²⁴ O que o filósofo francês deseja com esta posição é evitar o esquecimento do sobrenatural pelo homem dos novos tempos. A questão é saber se o homem é capaz de agir bem. Para Pascal, na sua polêmica com o molinismo, tal capacidade nunca vem do próprio homem. O livre-arbítrio, em razão da Primeira Queda, não teria mais tal poder. Assim, a “resposta de Pascal à questão sobre a possibilidade humana de agir corretamente é sempre a mesma: se o homem depender de si mesmo, ele falhará sempre”. Os textos pascalianos *Écrits*, a *Lettre*, o *Discours* e o *Traité* “visam o mesmo objetivo: defender a graça eficaz contra qualquer ataque ou novas interpretações humanistas que atenuem o fundamento teológico da salvação: combater o ‘esquecimento’ do Sobrenatural”.²⁶ Para Pascal, “o homem, abandonado às suas próprias forças, inclina-se invencivelmente para o mal, que se constitui na ignorância de seu fim (telos) divino”.²⁷

De fato, o ponto inicial que aproxima Jackson de Figueiredo do filósofo francês é a ideia de Pascal que recusa, peremptoriamente, a noção de uma autonomia otimista do homem, apontando para a ideia de haver um estatuto ontologicamente suficiente. Dessa forma, para Jackson, a própria filiação de Pascal ao jansenismo e seus “exageros” poderia ser explicada. Para ele,

tal “exageração do Jansenismo pode ser explicada como uma reação dos espíritos sérios que já previam, horrorizados, o mal imenso que aquella corrente de scepticismo poderia causar à Europa inteira”. Para Jackson, os erros de Pascal, que levariam à condenação geral do jansenismo pela Igreja Católica, não teriam sido provenientes de uma má índole, mas, ao contrário, de um excesso de boas intenções.

O militante católico brasileiro percebe dois aspectos importantes em Pascal: um marcado pela dor, amargura e excesso, claramente filha do ceticismo – “um sceptico que combatia mais o orgulho do que a perseverança dos nossos esforços deante do desconhecido”²⁹ – e outro, o da filosofia cristã.³⁰ Para o pensador, aquele aspecto que assinalava a alma de Pascal era o cristianismo e o “seu scepticismo foi uma violenta reacção contra a philosophia que, com o próprio Descartes, se ia fazendo, pouco a pouco, uma inimiga do Christianismo e de Deus [...]”.³¹ Jackson quer demonstrar que Pascal não foi um inimigo da filosofia, mas do racionalismo, aquele que viu a filosofia como o oposto da fé:

O que Pascal quizera é que a philosophia também contentasse o coração e, como a vê desviada deste, orgulhosa, sem inclinar-se deante da Cruz, levanta-te como um gigante para combatel-a, despe a tunica da Academia e veste o burel dos que procuraram avivar a fé no coração opprimido do homem.³²

Para o pensador católico em sua leitura de Pascal, o homem era, acima de tudo, uma inteligência, um espírito, mas nunca deveríamos esquecer que somos uma inteligência e um espírito “preso ao

mundo material, trancado, limitado na matéria, mal presentindo o grande e sagrado mysterio da sua existência real e do seu fim supremo, devendo-se valer não só da sua capacidade de analysar e conhecer, como também das vantagens da humilhação e da obediência”.³³ Dessa forma, Pascal pregava a renúncia a si mesmo como um ato poderoso da vontade desejante, a fim de fazer com que o homem confessasse sua miséria para, então, ganhar mais força na prática da caridade.

A partir de então, Jackson passa a tratar dos dois aspectos: primeiramente, do “excesso de scepticismo” e, posteriormente, do “excesso doutrinário”. Para ele, a famosa “aposta de Pascal”³⁴ é o argumento mais poderosamente evangelizador do pensador para o mundo moderno. Assim o traz à luz: “Se apostamos pela salvação de noss’alma e esta for uma mentira, que se perderá além de illusões outras e maior canção (sic) de viver, que é tudo quanto conseguimos com este esforço que nos dotou de maravilhas de aço e mais dureza de coração?”³⁵

Segundo o autor, é para os espíritos que negam as verdades cristãs que a mensagem é endereçada. E para ele, tal aposta só pode ser feita por alguém que não tem a certeza de uma “vida futura”, pois “aquelle que tem certeza, não aposta”; dessa forma, “esta attitude de apostador deante do desconhecido só pode ser a de um sceptico”.³⁶ Pascal trabalha com a probabilidade, a partir da qual se vislumbra a misericórdia de Deus, de acordo com Jackson.

O que o sergipano repugna nas interpretações das obras de Pascal são aquelas

que o veem como um “simples cético”, no sentido de descrença, aquele tipo que o aproximaria de Montaigne. Jackson chega à conclusão a partir da “aposta de Pascal” de que, “se não era a salvação na Eternidade, era, pelo menos, uma garantia de menor infelicidade sobre a terra, porque seguir a regra christã é, quando mais não seja, approximar-se do que é mais útil ao homem”.³⁷

O outro aspecto é a questão que chama de “excesso doutrinário”. Em todo um capítulo, Jackson irá tratar do jansenismo e dos aspectos que irão influenciar Pascal e sua ortodoxia. Para ele, Jansenio e Saint-Cyran, os dois maiores nomes daquela corrente teológica, “foram, também, a principio, pelo menos, dois grandes homens de fé, que se haviam desilludido dos meios accomodaticios com que o clero dos seus dias procurava fazer frente à onda imensa de scepticismo, que a philosophia ia, desgraçadamente, espalhando”.³⁸ Para Jackson, em virtude da condenação do jansenismo por Roma, a questão de fundo mais importante era saber quais eram os “princípios revolucionários” que traziam em sua doutrina, que fizeram a Igreja tomar uma posição negativa. Segundo ele, o erro em que teriam incorrido era o individualismo: “O desconhecimento daquella mesma autoridade sobre que repousa toda a ordem christã”.³⁹ Esta teoria referia-se à predestinação da graça, que poderia ser resumida assim: “A graça de Deus é predestinada e efficaz – o que quer dizer: Deus tem eleitos e estes sempre o foram de toda a Eternidade”.⁴⁰ Dessa forma, os jansenistas negavam o livre-arbítrio, negando o

mérito, a virtude e a liberdade e a própria Igreja, que se tornava, segundo Jackson, esvaziada em sua própria missão de pregar o Evangelho para todos os povos.

Para Jackson, a questão da graça é uma das mais importantes da humanidade, já que a dignidade do homem está nessa sua procura incansável de saber de onde vem, para onde vai, o que é, etc. Para ele, “a própria dor, as mesmas feridas desta luta eterna e inevitável, se com dignidade e pureza são conquistadas, talvez sejam o meio único de saber, de forma singular, o que não conseguimos pelos meios *communis* do raciocínio e da lógica [...] a dor é uma, a mais alta forma de conhecimento”. E completa: “Assim o que marca a impotência da nossa razão pode bem ser a plenitude de nossa alma no seio da verdadeira felicidade, que só a certeza, a fé absoluta nos pode dar.”⁴¹ Dessa forma, a única resposta possível, segundo Jackson, é ainda a de Pascal: “Somos pequenos demais para compreendermos o que só uma inteligência infinita pode saber.”⁴² A atitude trágica de Pascal seria encontrada em seu ceticismo, aquele que duvidaria de seus próprios méritos, merecedor de prêmio qualquer, mas apenas de sua própria miséria, esperando e confiando somente em Deus.

Jackson deseja alcançar a “verdadeira *philosophia* de Pascal”. Diante da inquietação de se saber impossibilitado da ignorância absoluta e do saber também absoluto – “todo extremo nos escapa, que vagamos sobre um meio vasto, sempre incertos e fluctuantes, de um para outro lado”⁴³ – Pascal encontra a razão de nos depararmos com tal cenário humano “irre-

solúvel” na concepção da Queda, base de sua filosofia e centro de sua concepção de vida. Para ele, “todas as nossas misérias, diz elle, provam mesmo a nossa grandeza, são misérias de um rei desthronado”.⁴⁴ Além disso, baseia-se na máxima socrática do “conheça-te a ti mesmo”, que para Pascal é o princípio da verdadeira sabedoria:

Conhecer-se a si mesmo é um passo definitivo para a verdade mas não a verdade mesma, que só está no amor de Deus. Conhecermo-nos a nós mesmos é conhecermos o que devemos a Deus, o que somos deante Dele. Conhecermo-nos a nós mesmo é sabermo-nos miseráveis, na eterna inquietação de uma vida que é justo castigo de uma grande falta, e de que é preciso sair sem attentar contra Ella, que é sempre um dom de Deus, e que nós, unicamente, tornamos má. Isto não pode constituir felicidade nem dar repouso ao espírito. Constitue somente o caminho da verdade e a grandeza que nos resta e nos é própria.⁴⁵

A esse homem que é pura inquietação diante das dúvidas ilimitadas que se acumulam na sua existência, só a fé pode ser o amparo eficiente, levando-o a contemplar e adorar o mistério. A razão deve dar esse passo em direção a Deus: “A razão jamais se submeteria se não julgasse que há ocasiões em que deve submeter-se. É, pois, justo que se submetta se julga que deve submeter-se Nada há mais conforme à razão que esta negação da razão.”⁴⁶ A fé, tratada por Pascal, seria o sinal de nossa situação primeva, sinal do amor de Deus ao homem, que subsiste apenas pela sua misericórdia infinita. Nem por tal perspectiva se deveria acreditar na interpretação de que ele teria sido menos filósofo, por ter reagido contra um racionalismo presunçoso.

Para Jackson, “a sua philosophia é a philosophia em que o amor tem o primeiro lugar como regra imposta pelo coração e livremente aceita pela razão, para que melhor se orientem todos os espíritos e sejam mais firmes na humildade com que se deve amar a Deus sobre todas as coisas”.⁴⁷ Jackson defende, assim, que “Pascal e sua angústia” são os elementos que mais agitam a vida contemporânea – aquela do início do século XX –, sendo causa “não só da reação espiritualista que vae estrangulando o materialismo moderno, mas também da já tão notada renascença, senão catholica de um a outro extremo, pelo menos christã, entre as camadas intellectuaes superiores, em todo o Occidente”.⁴⁸ Segundo o pensador sergipano, Pascal deve ser considerado o maior dos apologistas da Igreja cristã no momento em que escrevia a obra em estudo.

Ao final de seu texto, Jackson faz alguns apontamentos sobre a mística de Pascal. Para ele, o pensamento do pensador francês não apresentava “a nebulosidade que é como que a característica do misticismo individualista”.⁴⁹ O misticismo caracteriza-se não como “uma espécie de união íntima com Deus pela força da adoração, mas uma espécie de intimidade entre dois seres quase iguaes ou iguaes, a Divindade e o Homem”. Dessa forma, não é possível encontrar em Pascal características dessa compreensão de misticismo, já que “Deus é para elle o mysterio perenne; é com terror que Pascal levanta a voz da sua indignidade na supplica e na oração”.⁵⁰

Algumas considerações finais

A obra *Pascal e a inquietação moderna* traz à tona a atualidade do pensamento pascaliano e marca profundamente a visão de mundo que Jackson de Figueiredo construiria na sua rápida passagem pelo mundo. Parece-me que, ainda, as questões levantadas por Pascal em seu “scepticismo”, e trazidas por Jackson num momento do século XX que refluía a confiança nas ciências na busca de controlar a natureza, ao mesmo tempo em que rien est vrai, tout est permi, mostram sua faceta atualíssima, na medida em que corriqueiramente acreditamos em deuses com pés de barro.

The paths of a conservative: Blaise Pascal in the thought of Jackson de Figueiredo

Abstract

The main object of this paper is to discuss some points of the catholic layman Jackson de Figueiredo's interpretation of the philosophical thought of Blaise Pascal. One of the greatest catholic thinkers in Brazil, Figueiredo focuses, in his work *Pascal e a inquietação moderna* (1922), on the thoughts of one of the greatest philosophers of modernity.

Key words: Brazilian catholicism. Jackson de Figueiredo. Blaise Pascal.

Notas

- 1 Cf. HOORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil*. Primeira época – período colonial. Petrópolis: Vozes, 2008.
- 2 Cf. AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- 3 PINHEIRO FILHO, Fernando Antônio. *A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil*. Tempo Social, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007.
- 4 A palavra “modernismo” foi utilizada pela primeira vez pelo papa Pio X em seu famoso documento *Pascendi Dominici Gregis*, de 1907. Cf. LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2001.
- 5 MENDES, Candido. *Dr. Alceu: da “persona” à pessoa*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 323.
- 6 IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 112.
- 7 NOGUEIRA, Hamilton. *Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Hachette; São Paulo: Loyola, 1976.
- 8 DE LUBAC, Henri. *Il dramma dell’umanesimo ateo*. Milano: Jaca Book, 1992.
- 9 NOGUEIRA, Hamilton. *Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Hachette; São Paulo: Loyola, 1976. p. 16.
- 10 MOURA, Odilão. *Idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico no Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978.
- 11 Dom Sebastião Leme escreveu uma carta pastoral histórica em 1916, a qual influenciaria profundamente a Igreja brasileira como um todo, mas, especialmente, a intelectualidade católica que se formava. Nela, dom Leme repudiava certo “catolicismo desfibrilado”, marcado por superstições, e conclamava os católicos a darem razão de sua fé.
- 12 NOGUEIRA, Hamilton. *Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Hachette; São Paulo: Loyola, 1976. p. 99.
- 13 Blaise Pascal (1623-1662) é considerado um dos grandes nomes da filosofia e da matemática moderna, criando dois novos ramos: a teoria das probabilidades e a geometria projetiva. Foi um dos maiores representantes da corrente teológica denominada de “jansenismo” (Cf. nota 23), quando em 1659 decidiu deixar a pesquisa matemática para se dedicar ao pensamento teológico e se tornar um dos maiores críticos do pensamento iluminista.
- 14 PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, p. 74.
- 15 PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 98.
- 16 Para uma primeira aproximação ao pensamento de Agostinho cf. GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, Discurso Editorial, 2006.
- 17 Idem, p. 21
- 18 FIGUEIREDO, Jackson. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1922.
- 19 Idem, p. 58.
- 20 Idem, p. 65.
- 21 Segundo Pondé, na conclusão de seu livro, a noção de autossuficiência humana que emerge no Renascimento europeu tem suas raízes na obra *De Dignitate Hominis*, de Pico de La Mirandola. Este pensador usa o conceito de “homem indefinido” “como definição antropológica na qual a idéia medieval cristã de homem, dominado pelo ‘destino teológico da queda’, isto é, um homem marcado e definido pelo mal, é negada em favor de uma idéia de homem que apresenta uma superabundância de potencialidades”. PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 51.
- 22 Idem, p. 52.
- 23 O jansenismo pode ser considerado um tipo de reação às tendências marcantes do chamado “humanismo cristão”, tendo suas origens na longa e exaustiva discussão sobre as relações entre a graça e a livre colaboração do obra na obra salvífica. Pode ser dividido didaticamente em três dimensões: 1) dimensão dogmática, que defende a corrupção total do homem depois do pecado original; a negação do livre-arbítrio e da capacidade do homem ao bem moral; a irresistibilidade da graça eficaz; 2) dimensão moral: forte rigorismo na vida cristã, com predileção de penitências extravagantes, com desprezo da natureza humana e, especialmente, do matrimônio; 3) dimensão eclesiástico-disciplinar: segundo os jansenistas a Igreja se tornara “impura” no decorrer da história, sendo necessária uma renovação que a fizesse voltar às fontes primeiras. O movimento foi batizado dessa forma – jansenismo – por ser Cornélio Jansen, ou Jansenius (1585-1638), um de seus maiores representantes.
- 24 Referentemente à doutrina do espanhol jesuíta Luis Molina (1547-1551), que visava conciliar a ideia de livre-arbítrio do homem com a onisciência divina. Defendia a capacidade, responsabilidade e liberdade do homem diante de Deus, indo contra, claramente, os jansenistas e sua doutrina da graça eficaz.

- ²⁵ PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 53.
- ²⁶ Idem, p. 51.
- ²⁷ MESNARD, apud PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 51.
- ²⁸ FIGUEIREDO, Jackson. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1922. p. 47.
- ²⁹ Idem, p. 72.
- ³⁰ “A sua obra apresenta dois aspectos: um doloroso, amargo, excessivo, filho do scepticismo, que fôra vencido na su’alma; o outro, grandioso e consolador, o da sua philosophia chritã.” FIGUEIREDO, Jackson. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1922. p. 69.
- ³¹ Idem, p. 69.
- ³² FIGUEIREDO, Jackson. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1922. p. 71.
- ³³ Idem, p. 71.
- ³⁴ Segundo William James, a “aposta de Pascal” pode ser descrita da seguinte maneira: “É preciso acreditar ou não acreditar que Deus existe – o que você fará? Sua razão humana não pode dizer. Entre você e a natureza das coisas está acontecendo um jogo que, no dia do juízo, dará cara ou coroa. Pense quais seriam seus ganhos e suas perdas se você apostasse tudo o que tem na cara, ou na existência de Deus: se você ganhar nesse caso, o prêmio será a beatitude eterna; se perder, não perderá absolutamente nada. Se houvesse uma infinidade de chances e apenas uma para Deus nessa aposta, ainda assim seria aconselhável apostar tudo em Deus, pois, embora certamente você se arriscasse a uma perda finita por esse procedimento, qualquer perda finita é razoável, mesmo uma perda certa é razoável, caso haja uma mínima possibilidade de ganho infinito. Vá em frente, então, e use a água benta, encomende missas; a crença virá e estupidificará seus escrúpulos – Cela vous fera croire et vous abêtira. Por que não? No fim das contas, o que você tem a perder?” JAMES, Willian. *A vontade de crer*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 14.
- ³⁶ FIGUEIREDO, Jackson. *Pascal e a inquietação moderna*. Rio de Janeiro: [s. e.], 1922. p. 77.
- ³⁶ Idem, p. 82.
- ³⁷ Idem, p. 86.
- ³⁸ Idem, p. 91.
- ³⁹ Idem, p. 95.
- ⁴⁰ Idem, p. 96.
- ⁴¹ Idem, p. 110.
- ⁴² Idem, p. 111.
- ⁴³ Idem, p. 116.
- ⁴⁴ Idem, p. 128.

- ⁴⁵ Idem, p. 130.
- ⁴⁶ Idem, p. 131.
- ⁴⁷ Idem, p. 147.
- ⁴⁸ Idem, p. 159.
- ⁴⁹ Idem, p. 198.
- ⁵⁰ Idem, p. 200.

Referências

- AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- DE LUBAC, Henri. *Il dramma dell’umanesimo ateo*. Milano: Jaca Book, 1992.
- GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. São Paulo: Paulus, Discurso Editorial, 2006.
- HOORNAERT, E. et al. *História da Igreja no Brasil*. Primeira época – Período colonial. Petrópolis: Vozes, 2008.
- IGLÉSIAS, Francisco. *História e ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JAMES, Willian. *A vontade de crer*. São Paulo: Loyola, 2001.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2001.
- MENDES, Candido. Dr. *Alceu: da “persona” à pessoa*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- NOGUEIRA, Hamilton. *Jackson de Figueiredo*. Rio de Janeiro: Hachette; São Paulo: Loyola, 1976.
- PINHEIRO FILHO, Fernando Antônio. A invenção da ordem: intelectuais católicos no Brasil. *Tempo Social*, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007.
- PONDÉ, Luiz Felipe. *O homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001.